



METROPOLE SSA-BA

28 MAR 2024

DITADURA ASSASSINA

Memórias do abismo

Às vésperas dos 60 anos do Golpe Militar, Jornal Metrópole resgata lembranças da crueldade da ditadura brasileira, com relatos de perseguições, torturas e prisões nas ruas de Salvador. Págs. 2 e 3



Janio de Freitas: "Foram os húngaros que liberaram os filmes de Bolsonaro na embaixada. Pág. 4



Na Metrópole, Marcelo Freixo comenta prisão de mandantes do assassinato de Marielle Franco. Pág. 7



Salvador completa 475 anos, e Jornal Metrópole faz um levantamento sobre avanços e retrocessos. Pág. 10

Recordações de uma trágica história

Relatos de quem foi perseguido, preso e torturado pelo regime militar instaurado há 60 anos reforçam a necessidade de impedir novas tentativas de golpe

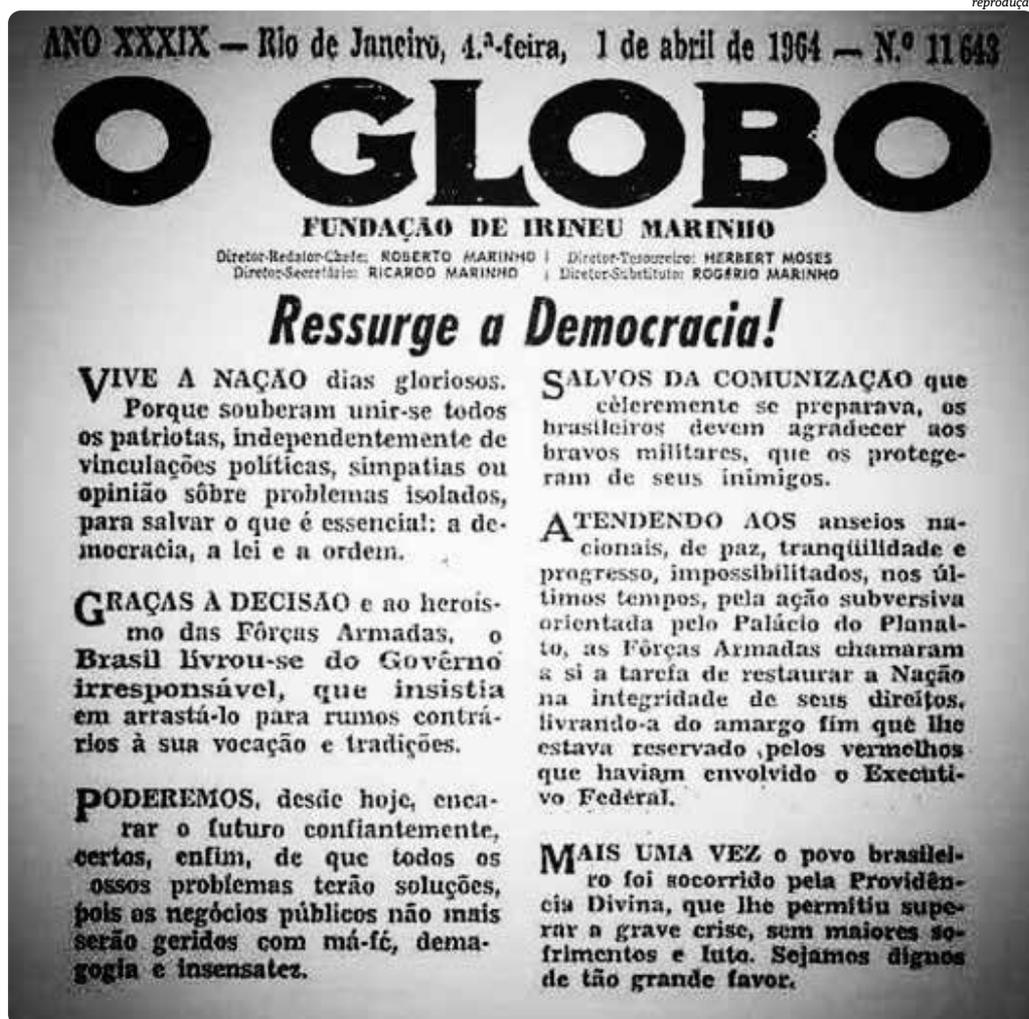
Texto **Duda Matos e Gláucia Campos**
redacao@metro1.com.br

“A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. A expressão extraída de uma das obras mais famosas de Karl Marx - O 18 de Brumário de Luís Bonaparte - permanece tão atual como era quando foi publicada em 1852 e serve para balizar a memória em torno dos 60 anos do golpe militar iniciado em 31 de março e consolidado em 1º de abril de 1964, quando o Brasil mergulhou na fase mais sombria de sua história recente, da qual só saiu mais de duas décadas depois.

Os efeitos da tragédia que colocou o país abaixo dos coturnos dos generais são sentidos ainda hoje por quem viveu os anos mais duros da ditadura instaurada pelas Forças Armadas e movida a mortes, torturas, perseguições, censura, supressão de liberdades individuais e terror. Caso do jornalista, escritor e ex-deputado baiano Emiliano José, 78 anos. Aos 24, o jovem militante de movimentos contrários ao regime experimentou o gosto da crueldade imposta pelos militares.

Em 23 de novembro de 1970, Emiliano, ou melhor, Pedro Luiz Vian, participava na praia da Ribeira de uma reunião da Ação Popular (AP), organização considerada subversiva pela ditadura. Estava acompanhado de outros dois dirigentes da AP, dos quais só lembra os prenomes: Vera e Zeca. Ao fim do encontro, os três seguiram em direção ao ponto de ônibus. O objetivo era chegar ao Centro de Salvador, mas são impedidos subitamente pelos agentes da repressão, que já acompanhavam os passos do grupo.

“Fui o primeiro a subir no ônibus, ou a tentar subir, quando uma gigantesca mão me alcança na escada, de baixo para cima, me puxa e me tira do ônibus num



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Bélit Loiane, Daniela Gonzalez, Duda Matos, Jairo Costa Jr., Gláucia Campos, Leticia Alvarez, Mariana Bamberg**
Revisão **Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



movimento violento. Saio correndo, e aí se ouve uma gritaria de ‘pega Ladrão, pega ladrão’. Pulei uma casa atrás da outra tentando escapar, mas um fusca, não propriamente com policiais, talvez com pessoas interessadas na prisão daquele assaltante, me alcança, e logo depois percebo que eles vão me entregar para a Polícia Federal (PF), que já estava por ali”, relembra.

Na sede da corporação, enfrentou o suplício dos torturadores. Após a primeira sessão de espancamentos, Emiliano foi recepcionado pelo coronel Luiz Arthur de Carvalho, superintendente da PF à época. Fingiu não saber o motivo da prisão e resolveu perguntar por que estava lá. “Você vai saber por que daqui

a pouco, seu filho da puta, na tortura!”. No local, se deparou com Benjamin Ferreira e Mara Vieira, que participavam da AP. Entretanto, fizeram de conta que não se conheciam.

TORTURA

Como havia prometido o coronel Luiz Arthur, ele foi levado ao temido Forte do Barbalho, local que ficou marcado como o cenário de muita violência e atos de tortura. Vestido apenas com uma calça jeans e coberto de sangue após apanhar com barras de ferro e tijolos, vê diante de si um tanque de água, onde foi submetido a uma série de afogamentos. As etapas seguintes do sofrimento também

eram bastante conhecidas pelos militantes de organizações clandestinas: pau de arara e choque elétrico.

No dia seguinte, conheceu o maior do seus algozes, o capitão da PM Gildo Ribeiro, integrado ao famigerado Destacamento de Operações e Informações do Centro de Operações e Defesa Interna (DOI-Codi), órgão subordinado ao Estado Maior do Exército. “Era uma figura tétrica, porque enquanto me torturava, ele ficava discutindo as preocupações rotineiras da própria casa. Enquanto acionava a maquininha do choque no pau de arara que eu estava, ele manifestava preocupação com a mulher que ia ser operada ou ficava falando das coisas do cotidiano”, recorda.



arquivo nacional

arquivo publico do DF



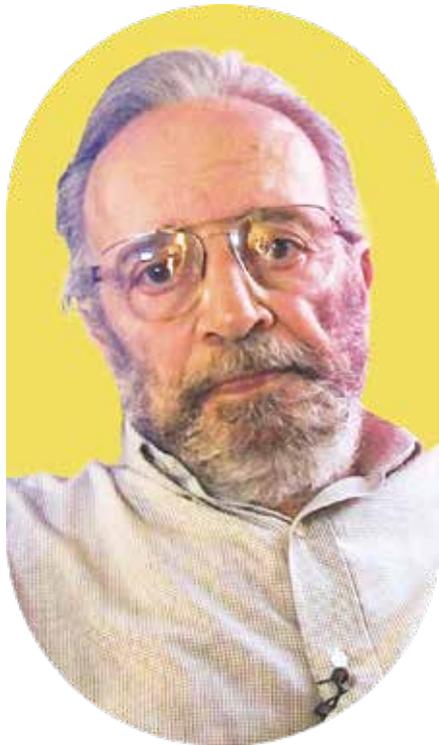
Lembranças de dias dolorosos

Em agosto de 1971, o estudante José Carlos Souza, codinome Rocha, militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), andava pela Avenida Sete de Setembro quando foi preso por militares e levado para o Forte do Barbalho. Estava acompanhado por um guerrilheiro famoso, César Benjamin Queiroz, que de 2017 a 2018 foi secretário municipal de Educação do Rio de Janeiro. “César conseguiu se livrar do policial que estava em cima dele, até porque quem me apontou na rua para a polícia me prender não o conhecia. Eu fui preso e passei a noite de sexta-feira sob sessões de pancada, mas deixaram a violência mais pesada para o sábado, no dia seguinte”, conta.

Souza passou dois anos preso, fase em que foi submetido a diferentes tipos de tortura. Chegou a ser interrogado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, chefe do Departamento de Ordem Política e Social (Dops). “Ele era conhecido

como maior torturador do período. Veio de São Paulo só para me interrogar, porque tinha muito interesse em matar o capitão Carlos Lamarca. Estava com a ideia fixa de que eu sabia onde Lamarca se escondia. Realmente, era um sujeito muito violento”, afirma.

Apesar do sofrimento, José Carlos, que anos depois se tornou professor de História em Salvador, diz não ter uma só gota de arrependimento “Naquele momento era o que deveria ser feito e eu fiz”, destaca. Para ele, é preciso manter sempre viva a memória relativa ao golpe de 1964 por uma questão pedagógica. Vai nos indicar a necessidade de manter a atenção dobrada para que jamais tenhamos outra ditadura”, conclui o professor e ex-guerrilheiro, ao lembrar a importância de que a história de uma tragédia não se repita como farsa. Diante das recentes tentativas da extrema-direita de restaurar o totalitarismo, o alerta vem na medida certa.



Um hóspede do barulho

Janio de Freitas

Jornalista

Na última segunda-feira (25), o jornal norte-americano *The New York Times* (NYT) divulgou imagens de câmeras de segurança que mostram o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) chegando e circulando pelas instalações da embaixada da Hungria, em Brasília. O ex-mandatário esteve nos dias 12 e 13 de fevereiro, em pleno Carnaval e quatro dias após seu passaporte ser apreendido pela Polícia Federal. O jornal levantou a possibilidade de Bolsonaro tentar com a hospedagem se manter fora do alcance de uma prisão, já que embaixadas são protegidas por convenções diplomáticas.

É evidente que ele supôs que o Carnaval servisse à Polícia Federal para prendê-lo sem maior estardalhaço, sem maior risco de reações e agitação de evangélicos na rua. É curiosa e até engraçada a explicação que eles deram, ou ele mesmo, que diz que ele não teria

razões para buscar asilo em lugar nenhum. Com isso, ele acaba de negar a perseguição afirmada nos comícios que segue fazendo pelo Brasil afora, para tentar reorganizar a agitação política e criminal no país.

Se não há razões, é sinal de que ninguém o persegue. Afinal essa perseguição seria um motivo mais do que justificável para que ele se tornasse um asilado. O interessante nessa história é que, sem a menor dúvida, foram os húngaros que liberaram os “filmecos” captados pelas câmeras de segurança da embaixada, que mostram o Bolsonaro chegando, andando com seus funcionários carregando travesseiro, colcha e máquina de café. O que ele foi fazer lá se não buscar asilo? Não há a menor dúvida.

Os húngaros trataram de liberar as imagens, escolhendo o canal a ser o difusor dessas imagens para o país,

porque, do contrário, eles corriam o risco de um problema diplomático sério com o Brasil, sendo sujeitos à acusação de que estivessem se imiscuindo na política interna do país e protegendo pessoas que buscavam fugir da Justiça brasileira e do processo dos depoimentos por aí afora.

Os húngaros trataram de tornar pública e, com isso, mostrar estarem sendo procurados e não tomando a iniciativa de imiscuir-se em assunto político interno do país. Logo, tratou-se mesmo de um pedido de asilo na eventualidade de ter a casa visitada pela Polícia Federal para buscá-lo, caso em que não o encontraria, porque ele estaria em vias de pedir asilo à embaixada de um país da linha política próxima do bolsonarismo.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa **Três Pontos**, da **Rádio Metropole**, transmitido ao meio-dia às sextas-feiras*



três pontos 

com Mário Kertész,
Janio de Freitas
e Bob Fernandes

Todas as sextas ao meio-dia
Na Rádio e no [Youtube.com/PortalMetro1](https://www.youtube.com/PortalMetro1)
Reprise às sextas - 19h

VOCÊ FAZ DE TUDO POR QUEM AMA? A PREFS TAMBÉM.

Parabéns, Salvador.
475 anos.

Ser a Prefs de Salvador é um privilégio e, por isso mesmo, a gente trabalha todos os dias para ver nossa cidade cada vez melhor. Acaba de ser entregue o primeiro Hospital Municipal Veterinário da Bahia, a nova maternidade já está em obras, um novo restaurante popular foi inaugurado e a lista de presentes só cresce. Tem novas escolas, novas avenidas, Arena Multiúso e muito mais. Feliz 475 anos, Salvador. Te ver bem é o nosso principal trabalho.



#pratodosverem: anúncio com fundo e grafismos coloridos. No lado esquerdo do anúncio temos o título “Você faz de tudo por quem ama? A Prefs também.”. Abaixo do título, temos um texto da Prefeitura homenageando a cidade e falando sobre algumas obras. No lado direito temos uma mulher de cabelos negros com tranças, olhos fechados e sorrindo. Ela usa uma camisa roxa e está com as duas mãos em cima do peito. Na parte inferior do anúncio, no lado direito, temos o texto “Parabéns, Salvador. 475 anos.” e a marca da Prefeitura de Salvador.

Crônica de uma morte encomendada

Prisão de mandantes do assassinato de Marielle Franco expõe o tamanho dos tentáculos da milícia sobre a política e a polícia do Rio de Janeiro

Texto **Jairo Costa Jr.**
jairo.costa@radiometropole.com.br

Durante seis anos, uma interrogação pairou como sombra sobre o país: quem mandou matar Marielle? Já se conheciam os executores, dois ex-policiais militares com serviços prestados ao chamado Escritório do Crime, e quase todos os cúmplices da trama. Mas foi somente no último dia 24 de março que o Brasil conheceu aqueles que encomendaram o assassinato da então vereadora do Rio de Janeiro pelo Psol, alvejada por três tiros na cabeça e um no pescoço em março de 2018, no centro da capital fluminense, ao lado do seu motorista, Anderson Gomes, também morto.

Em delação premiada, cujo teor completo foi revelado apenas nesta semana, o ex-PM Ronnie Lessa, autor dos disparos, apontou dois personagens conhecidos tanto pela trajetória política quanto pelas ligações com a milícia do Rio. Segundo Lessa, os mandantes foram os irmãos Domingos e Chiquinho Brazão, ambos presos pela Polícia Federal no domingo passado. O primeiro, ex-vereador e ex-deputado estadual, é hoje conselheiro do Tribunal

de Contas do Estado (TCE-RJ). O segundo, deputado federal pelo União Brasil, de onde foi expulso um dia após a prisão.

As digitais da família Brazão na morte já haviam sido expostas pelo The Intercept Brasil em janeiro, em reportagem dos jornalistas Flávio VM Costa, André Uzeda e Carol Castro, baseada em trechos da delação de Lessa, que foi preso em 2019 junto ao comparsa, o ex-PM Elcio Queiroz, a quem coube conduzir o Cobalt usado no assassinato. Os detalhes fornecidos pelo atirador levaram também à prisão do delegado Rivaldo Barbosa, considerado pela PF peça-chave na engrenagem do crime.

Segundo a decisão judicial que culminou com o cerco aos Brazão, Barbosa contribuiu na “preparação do crime, colaborando ativamente na construção do plano de execução e assegurando que não haveria atuação repressiva por parte da Polícia Civil”. Então diretor da Divisão de Homicídios do Rio, ele esteve presente à reunião em que Marielle foi sentenciada à morte por Domingos e Chiquinho. Coube a ele planejar os detalhes e evitar rastros que levassem à descoberta dos mandantes. Em contrapartida, além de dinheiro, Bar-

bosa teria a carreira na Civil impulsionada pela forte influência política dos irmãos.

Desde o início de 2017, ainda de acordo com a PF, Marielle havia se tornado uma espinha entalada na garganta dos Brazão, por conta de sua luta para que a população não comprasse lotes em áreas controladas pela milícia. Acusados pela polícia de atuar em uma variada gama de atividades criminosas, os irmãos eram envolvidos em grilagem de terras em bairros sob domínio dos milicianos.

Em sua delação, Ronnie Lessa contou que foi convocado para uma reunião com Barbosa e os Brazão no segundo semestre daquele ano. O motivo era sacramentar a execução da vereadora. A ideia era infiltrar uma pessoa de confiança na militância Psol para vigiar os passos da vereadora e fornecer detalhes sobre a rotina dela, incluindo percursos e agenda de eventos. O ex-PM narrou ainda um segundo encontro com o delegado em que Lessa foi orientado a não cometer o crime nos arredores da Câmara de Vereadores. Barbosa queria evitar que a morte pudesse ganhar “conotação política, levando pressão às forças policiais para uma resposta eficiente”.

A participação no crime pavimentou o caminho para que Barbosa fosse nomeado delegado-geral da Polícia Civil, topo da carreira, e ato assinado pelo interventor designado pelo então presidente Michel Temer (MDB) para cuidar da crise na Segurança Pública do estado do Rio, o general Braga Netto, posteriormente alçado à cúpula do governo Jair Bolsonaro (PL). Em uma demonstração do mais absoluto cinismo e confiança na impunidade, Barbosa tomou posse do cargo em solenidade realizada na véspera da execução. Não esperava que um dia a casa cairia sobre ele e os demais envolvidos na morte brutal de uma vereadora empenhada em combater as milícias.

mario agra/camara dos deputados



divulgação/alerj



fernando fração/agencia brasil



Milícia e a morte de Marielle

ENTREVISTA



METROPOLE

Na Metropole, Marcelo Freixo, ex-deputado federal e amigo pessoal de Marielle Franco, comentou a prisão dos agentes apontados como mandantes do assassinato da vereadora

Texto Bélit Loiane

belit.loiane@metro1.com.br

Foram seis anos e dez dias de dor, luta e perguntas ao vento, até a verdade ser desvelada. No último domingo, a Polícia Federal finalmente respondeu o questionamento que assombrava o Brasil desde 2018: Quem mandou matar Marielle? Domingos Brazão, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro; Chiquinho Brazão, deputado federal e irmão de Domingos; e Rivaldo Barbosa, ex-chefe da Polícia Civil, foram presos acusados de serem os autores intelectuais do atentado, que também vitimou o motorista Anderson Gomes.

Dona da quinta maior votação do município do Rio de Janeiro e a segunda mulher mais votada ao cargo em todo o país, Marielle foi eleita em 2016, defendendo temáticas sociais como o combate à pobreza, à violência contra as mulheres e à milícia carioca. Agora, as investigações revelam que a sua morte foi orquestrada por três agentes do Estado.

Amigo pessoal, aliado político e cobrador incansável de uma resolução para o caso, o presidente da Embratur, Marcelo Freixo (Psol), disse, em entrevista à **Metropole**, que o atentado contra a ativista

representa a morte da democracia, ultrapassando as fronteiras ideológicas e significando um problema para todos.

“Marielle é uma mulher negra, vinda da favela. Portanto, de origem pobre. Que consegue entrar por uma política de cotas na universidade, que vai militar, fazer uma ação política na favela pelas péssimas condições e que se torna vereadora. Quantas meninas, quantas mulheres são parecidas com Marielle nas favelas? São muitas as Marielles. Representando tudo isso, ela chega à Câmara de Vereadores e, com um ano de política, ela é assassinada”.

“Seja no tempo que for, a natureza da política é a convivência da diferença [...] quando você mata uma pessoa, quando a política se utiliza do método da violência para matar uma pessoa, você está matando a democracia. Então a morte de Marielle representava a morte da democracia no Rio de Janeiro. Foi um crime contra o Rio, contra a política”, emenda.

MONSTRUOSIDADE

Rivaldo Barbosa tinha uma relação de com a família das vítimas, chegou a abraçar os pais da vereadora e prometer uma solução, mas, na verdade, foi incumbido

de atrapalhar as investigações. A reviravolta de seu envolvimento é definida por Freixo como um grande choque para todos e algo que conseguiu o surpreender, mesmo após 40 anos atuando politicamente no Rio de Janeiro. “Imaginar que o cara que me recebeu junto com a família no dia da morte fez parte do planejamento da morte é um negócio que extrapola o debate institucional, vai para o lado da monstruosidade”, define.

Essa relação tão íntima entre o crime, política e a polícia, é apontada por Freixo como algo intrínseco na condução do Estado do Rio de Janeiro atualmente. O político, que teve um irmão assassinado por esses grupos e foi autor da primeira CPI contra as milícias, revelou que faz uso de escoltas, mas acredita na possibilidade da descontaminação política que o estado vive atualmente, com esperança nas “pessoas corretas” que constroem as corporações.

“A milícia, como ela funciona, eu arrisco dizer, não tem em outro lugar, só tem no Rio. E isso não tem a ver com o tipo de polícia, isso tem a ver com o tipo de política que a gente tem. O crime, a polícia e a política não se separam. A política hegemônica do Rio de Janeiro é uma política feita para o interesse do crime. Mas tem saída”, concluiu.



Marielle e a favela venceram?

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Quando alguém diz, escreve, estampa numa campanha publicitária que “a favela venceu”, mente. Não venceram áreas que matam jovens cravando-os de balas só porque eles se apaixonam e namoram meninas que moram em CEPs tão abandonados quanto os seus pelo poder público mas são comandados por outra facção, como aconteceu esta semana em Salvador. Pode-se até dizer que a favela desceu, para a festa vip, para o festival hype e caro de música, para o camarote, para o palco, mas o verbo vencer não encontra nas ruas sem asfalto e sem esgoto nenhuma equivalência com a vitória berrada pelo marketing e pelas redes sociais.

Do mesmo jeito que “a favela venceu” é uma frase que não encontra eco na realidade, soa muito estranho ouvir lideranças da esquerda e amigos de Marielle começando a adotar a hashtag “Marielle venceu”. Em tese, a frase teria como pressuposto o argumento de que Marielle pagou com a vida por algo que agora está garantido aos cariocas, fluminenses e, por que não, aos brasileiros: a chave para desmontar a engrenagem entre o Estado, a política, a polícia, a milícia e o tráfico. Sua morte seria, segundo essa linha de raciocínio, a libertação da população do jugo da articulação perversa entre crime e Estado. Marielle morreu, mas, ao morrer, teria decifrado o enigma e interrompido os

esquemas que a mataram.

Quando os amigos de Marielle dizem, um dia após a revelação e prisão dos mandantes, encomendadores e arquitetos do seu assassinato, que, pelo crime ter ganhado a dimensão que ganhou e por ter sido desvendado, ela venceu, está, ou apostando no autoengano precipitado, ou romantizando a violência, ou mimetizando a hipocrisia na qual se sustenta o mantra publicitário vazio do “a favela venceu”. Primeiro, pelo óbvio: é precoce acreditar ou afirmar que a estrutura da violência praticada pela corrupção do Estado garantida pela polícia vai ser estancada, no Rio de Janeiro, porque se descobriu que um conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, um deputado federal e um chefe de polícia fluminense, equivalente a secretário de Segurança Pública, planejaram e executaram uma vereadora e seu motorista com tiros de fuzil, ficaram seis anos impunes, mas agora foram descobertos e estão presos.

COCAÍNA NAS BORDAS DO INFERNO

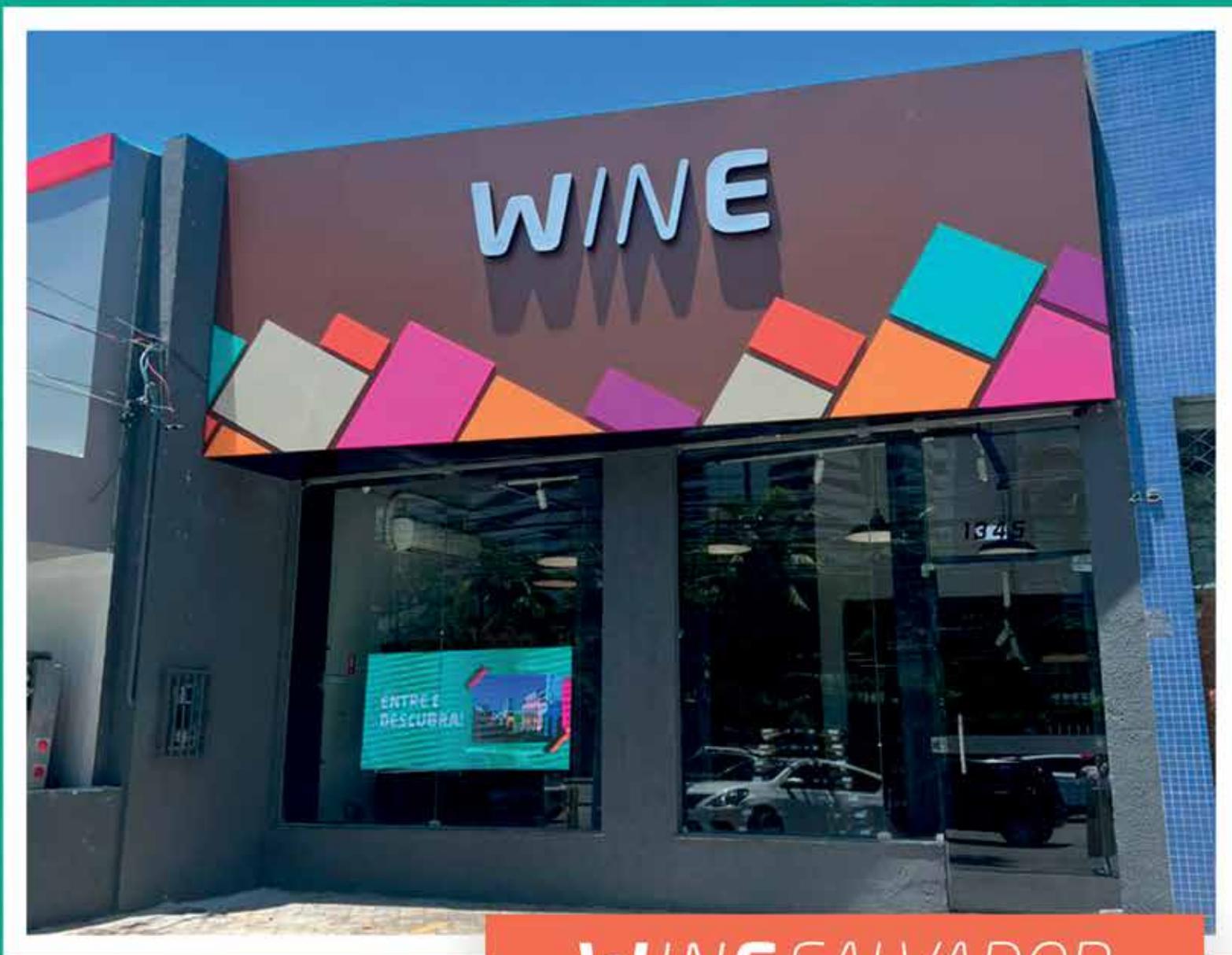
O Rio de Janeiro prendeu ou afastou nos últimos anos seis governadores, prendeu milhares de traficantes, centenas de milicianos. Viu milhares de mortes de culpados e inocentes nas favelas e estas continuam derrotadas.

Depois de milhares de prisões, operações letais com o mesmo roteiro e prisões abarrotadas, um grama de cocaína a menos não deixou de ser vendido e a realidade social de gente em nome de quem supostamente Marielle morreu não mudou nada, a não ser para pior, dependendo de que favela estejamos falando e independentemente de o substantivo usado às vezes ser substituído por comunidade, área conflagrada, faccionada ou território dominado por milícias.

A vida das pessoas empurradas, ao longo da história, para as bordas de infernos nas metrópoles continua péssima, e não faz sentido esse slogan assertivo porque os irmãos Domingos e Chiquinho Brazão e o delegado Rivaldo Barbosa foram desmascarados. Disso à interrupção do estado de coisas no Rio de Janeiro, há uma distância abissal. Ministros do Supremo Tribunal Federal dão declarações dizendo que as polícias do Rio precisam ser refundadas.

Sim, mas isso se fará como, a que tempo e a que custo? Demite todo mundo das polícias, a civil e a militar, todos servidores concursados, com estabilidade? Colocam-se todos na reserva? E a conta? A saída desse túnel não tem caminho fácil. A favela não venceu. Marielle morreu, e isso, aconteça o que acontecer, não se converterá em vitória para ela.





WINE SALVADOR

CHEGAMOS, SALVADOR!

Visite a sua Mais Nova Loja de Vinhos

 Av. Paulo VI, 1345 - Pituba

WINE LOJAS

Celebrar ou lamentar?

Jornal Metropole faz um levantamento sobre os avanços e retrocessos nos últimos dez anos de Salvador

Texto **Daniela Gonzalez**
daniela.gonzalez@metro1.com.br

Já parou para refletir como era a vida em Salvador há 10 anos? Em 2014, o salário mínimo era de R\$ 724, e o metrô só foi inaugurado em junho daquele ano. As empresas de transporte por aplicativo Uber e 99 Pop só chegaram dois e três anos depois, respectivamente. Nos 475 anos de fundação da capital baiana, o **Jornal da Metropole** retrata as mudanças ocorridas ao longo da última década.

Nos últimos anos, a capital teve uma perda populacional de cerca de 257 mil pessoas. Milhares de habitantes que deixaram as ruas e avenidas soteropolitanas. Mas o que as levou a se afastarem da terra onde tanta gente passa as férias? A resposta para essa pergunta pode ser explicada pelo movimento migratório, que ocorre devido à saturação urbana nas capitais. Ou pode ser resumida na busca por uma melhor qualidade de vida ou um preço menor em um

“pedaço de terra”, onde a especulação imobiliária tem deixado tudo mais caro.

É o que diz Mariana Viveiros, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “A procura por novos núcleos urbanos não é apenas em busca de oportunidades de trabalho, mas também de infraestrutura e serviços, além de uma segurança mais eficiente, qualidade de vida e, às vezes, com melhor custo-benefício”, declara Mariana.

CONCRETOS E EDIFÍCIOS

Salvador tem ficado cada vez mais verticalizada. Os dados do Censo Demográfico apontam que entre 2010 e 2022, 1 a cada 4 pessoas moravam em prédios. A primeira capital do país também se tornou a cidade dos viadutos. Atualmente são 54 estruturas distribuídas no território soteropolitano. Nos últimos 10 anos, o governo estadual realizou 11 construções, enquanto a gestão municipal entregou 5, e outras 4 ainda estão em andamento como parte do BRT.

Daniel Rebouças, doutor em História, relata que as mudanças ocorridas na última década podem ser observadas como uma radicalização de um projeto que começou nos anos 70. Quando Salvador “rompeu os limites históricos mais clássicos [região do Centro]”, e começou avançar no sentido Av. Luís Viana Filho (Paralela), Acesso Norte e Subúrbio.

“É uma expansão baseada nos veículos, estradas de rodagem e na ocupação do asfalto. Com a radicalidade desse processo, tenta-se solucionar problemas na mobilidade por meio de sistemas massivos, resultando em uma ocupação do solo com concreto e enfrentando dificuldades para equilibrar as questões ambientais”, explicou.

A crise de mobilidade acentua a negação do direito à cidade. O Observatório das Metrôpoles indicou que a frota de veículos em Salvador é a segunda maior do Nordeste, com mais de um milhão de automóveis em 2022, o equivalente a cerca de um veículo para cada dois habitantes. O resultado disso é um dos piores trânsitos entre as capitais.

Pobreza, violência e desemprego

Há 10 anos, após uma longa espera dos baianos, o metrô de Salvador foi inaugurado. No entanto, os soteropolitanos perderam, em 2021, depois de 160 anos em operação, o transporte ferroviário de Salvador, que deixou de funcionar para a instalação do VLT na região. As obras ainda não avançaram e o primeiro lote deverá ser entregue em 2027, três anos depois da previsão inicial. E, em meio às polêmicas, o BRT, que já foi considerado um dos mais caros do país, foi alvo de denúncias e protestos que envolvem críticas à derrubada de centenas de árvores históricas e ao tamponamento de rios. As obras foram iniciadas

em 2018, e o corredor viário da 1ª etapa foi inaugurado somente dois anos depois. A conclusão prevista para o primeiro trimestre deste ano ainda não ocorreu.

E, nesta semana de aniversário, Salvador figurou com os piores índices de um estudo divulgado pelo ICS (Instituto Cidades Sustentáveis). A capital dos soteropolitanos foi a última colocada em 7 dos 40 indicadores sociais, entre eles índices de renda, emprego e segurança. A cidade também está no fim da lista em PIB per capita, desnutrição infantil, população abaixo da linha da pobreza, taxa de desocupação e tem a segunda maior taxa de homicídios.



filipe luiz/metropress

Presentes desenvolvimentistas

Ao completar 475 anos, Salvador vive luta de resistência à construção de espigões na orla e venda de áreas verdes da cidade

Texto Leticia Alvarez e Mariana Bamberg
redacao@metro1.com.br

Às vésperas de seu aniversário de 475 anos, Salvador tem mostrado resistência à construção de grandes espigões e à venda de áreas verdes. A gestão municipal vem enfrentando críticas da população e de especialistas, que se opõem a projetos de urbanização da capital, já cada vez mais tomada pelo cimento. O que, por alguns, pode ser visto como um presente desenvolvimentista aos cidadãos está, na verdade, gerando desaprovação por não levar em conta as necessidades históricas, urbanísticas e ambientais da cidade.

No Rio Vermelho, a luta é travada mais precisamente na Praia do Buracão. Em agosto do ano passado, moradores criaram um movimento para protestar contra o projeto de erguer três torres de 18 andares cada uma. Ambientalistas também denunciaram que as construções vão sombrear a praia, prejudicando a balneabilidade do local e afastando banhistas.

O caso de Buracão começou quando dois imóveis foram comprados pelo montante de R\$ 16 milhões por empresas ligadas à OR Empreendimentos, subsidiária da antiga Odebrecht. Para tentar barrar a construção dos espigões, um projeto foi apresentado pelo presidente da Câmara Municipal, Carlos Muniz (PSDB), sugerindo que os imóveis comprados na Rua do Barro Vermelho sejam desapropriados e utilizados para a instalação de um estacionamento e uma praça pública para a comunidade.

ENFRENTAMENTO

O projeto, no entanto, segue estagnado há quatro meses na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara. E a previsão é que ele seja barrado por lá

mesmo, onde parte do colegiado é da base aliada do prefeito Bruno Reis (União). Ao **Jornal Metropole**, o presidente do colegiado, Paulo Magalhães (PSD), revelou que o projeto só deve ser analisado após a votação do Programa Dinheiro Direto na Escola Soteropolitana (PDDE).

Em paralelo ao embate da Praia do Buracão, outra questão que preocupa moradores e urbanistas é a desafetação e possível venda de 40 terrenos públicos, incluindo áreas verdes. Aprovada pela Câmara de Vereadores, a desafetação abriu as portas para leilões de 13 áreas, com a venda de quatro delas, totalizando R\$ 8,69 milhões à gestão municipal. Outras 27 ainda podem ser vendidas.

Mas uma derrota foi imposta aos presentes desenvolvimentistas: um dos terrenos desafetados, localizados no metro quadrado mais caro de Salvador, teve seu leilão suspenso pela Justiça Federal. O espaço,

uma área de Proteção Permanente no Corredor da Vitória, tinha lance mínimo de R\$ 10,8 milhões. Assim como no Rio Vermelho, ele também chamou a atenção da OR Empreendimentos, que pretendia incluir o terreno na planta de um edifício de luxo com 40 andares, inicialmente planejado para ser construído na encosta do bairro.

A suspensão do leilão do espaço foi determinada pela 6ª Vara Federal de Salvador, em resposta a uma medida de urgência apresentada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU/BA), por avaliar que a possível venda seria feita às pressas, sem os estudos técnicos necessários e sem a demonstração do interesse público nesta venda. Para o diretor do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-BA), Daniel Silva, a “desafetação das áreas verdes, assim como a verticalização e sombreamento ilegal das praias, tem a mesma origem: a não aplicação da legislação urbana em vigor”.



danilo puridade/metropress





Salvador: 40 anos a mais de catrevagem

James Martins

Neste ano, o aniversário de Salvador cai em plena sexta-feira santa: 475 anos da primeira capital do Brasil. Na verdade, não se sabe a data de fundação da cidade e, nem mesmo, se houve de fato um gesto, uma cerimônia de fundação. Por isso, decidiu-se fixar o aniversário no dia em que Tomé de Sousa e sua trupe desembarcaram no Porto da Barra: 29 de março de 1549. Pelas minhas contas, porém, não devemos comemorar apenas 475, mas 515 anos de Salvador — a ser contados a partir de 1509, ano do naufrágio de Diogo Álvares nas águas do Rio Vermelho, ali por onde hoje chamamos de Mariquita. Sim, foi a união do Caramuru com os tupinambás, seu casamento com Catarina Paraguassu e a alteração de suas naturezas iniciais para um estado mestiço, híbrido, cuja identidade é justamente a indeterminação, que formou o caráter sem-caráter da cidade que amamos e de que tanto nos orgulhamos.

Quando Tomé de Sousa chegou, com ordens de ordenar e construir uma fortaleza, uma cidade militar, foi essa catrevagem que ele encontrou. E foi isso que prevaleceu: a abertura em vez do fechamento. Cercada de fortes para lacrar sua costa, seus interiores e suas portas, traçada arquitetônica e geometricamente na planta, Salvador permanece

sendo o oposto disso tudo: arreganhada e desorganizada como poucas. Aqui, nada é estrangeiro. Tudo que chega é devorado e se torna rapidamente nativo e, mais do que isso, tradicional: do pano da costa à coca-cola, aquela bebida que os americanos inventaram para acompanhar o acarajé.

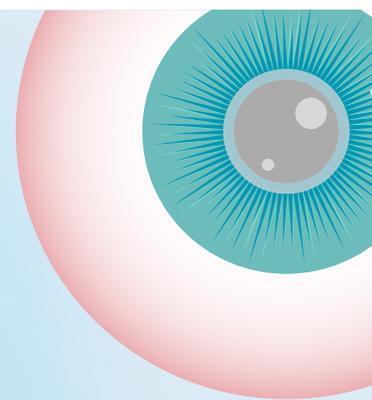
O próprio nome Mariquita é um bom exemplo de coisa soteropolitana pela própria natureza. Soa como um perfeito apelido português, diminutivo de Maria. Há, inclusive, um restaurante chamado Dona Mariquita, homenagem a essa sugerida/imaginada matriarca lusitana. O lugar do naufrágio ficou conhecido como Largo da Mariquita. O nome, porém, sequer tem origem portuguesa, mas tupi. Quem nos explica é Teodoro Sampaio (1855-1937), no seu livro “O Tupi na Geografia Nacional” (1901). Trata-se da junção de três palavras daquele tronco linguístico: mair (= francês) + y (= rio) + kyta (= naufrágio). Mair-y-kyta, isto é, o rio onde naufragou o francês. Isto porque, mesmo sendo português, Caramuru navegou até aqui sob bandeira francesa, como um traidor de sua pátria, de sua origem. Mariquita é uma corruptela oral do tupi que mimetiza um luso tratamento carinhoso, inclusive trocando o gênero de masculino para feminino. Coisas da Cidade da Bahia, onde tudo se

funde e se confunde, com ou sem H.

Não é por acaso que aqui, a comemoração da maior data da cristandade, a Paixão de Cristo, é feita com uma ceia de origem africana, com moqueca, caruru, vatapá... A sexta-feira santa cair no dia do aniversário da cidade deve ser encarado como um presente!

Foi a união do Caramuru com os tupinambás, seu casamento com Catarina Paraguassu e a alteração de suas naturezas iniciais para um estado mestiço, que formou o caráter sem-caráter da cidade que amamos

DE OLHO NA *longevidade* COM MUITA *saúde*



Imagine-se contemplando o mundo com uma nova clareza, onde cores ganham vida, contornos se definem e a visão se transforma em uma experiência vívida e vibrante. Esta é a promessa da cirurgia de catarata, um procedimento que não apenas restaura a visão comprometida, mas também abre as portas para uma vida plena e repleta de possibilidades.

A catarata consiste na perda de transparência do cristalino, lente natural do olho, ocasionando limitação na qualidade de vida e diminuindo a independência. No entanto, a cirurgia de catarata surge como um farol de esperança, oferecendo uma série de benefícios que transcendem a mera restauração da visão.

Um dos aspectos mais notáveis da cirurgia de catarata é o seu impacto na longevidade e na qualidade de vida dos pacientes. Ao recuperar a visão, os pacientes são capazes de retomar atividades cotidianas com confiança renovada. Desde ler um livro até desfrutar de paisagens deslumbrantes, cada momento se torna uma celebração da clareza visual restaurada. Além disso, estudos demonstraram que a cirurgia de catarata está associada a uma redução significativa no risco de quedas e lesões relacionadas à visão, ajudando a preservar a saúde e a independência no longo prazo.

As novas tecnologias empregadas, como a facoemulsificação e as lentes intraoculares de alta tecnologia, permitem procedimentos mais precisos e resultados visuais superiores, ao reduzir outros problemas como a miopia, hipermetropia, astigmatismo e vista cansada (presbiopia). A recuperação rápida e a minimização dos riscos associados à cirurgia são apenas alguns dos benefícios tangíveis dessas inovações.

Portanto, ao considerar a cirurgia de catarata, saiba que você não está apenas restaurando sua visão, mas abrindo as portas para um futuro repleto de clareza, vitalidade e possibilidades. Aproveite cada momento com uma nova perspectiva e celebre a jornada da visão restaurada.

Nós do Rita Lavínia Day Hospital dispomos do que há de mais novo e melhor para guiá-lo em cada passo do caminho, e realizar sua cirurgia rumo a uma vida mais brilhante e vibrante.

Dr. Antonio Motta

Médico Oftalmologista
CREMEB 14.715 | RQE 8.718
Rita Lavínia Day Hospital



RITA LAVÍNIA
DAY HOSPITAL

MARCAÇÃO DE CONSULTA: (71) 2203-4444

UNIDADE SALVADOR PRIME
Av. Tancredo Neves, nº2227 - Caminho das Árvores
Edf. Salvador Prime - 3º andar - CEP: 41820-021

UNIDADE IGUATEMI BUSINESS & FLAT
Rua da Alfazema, 761 - Edf. Iguatemi Business & Flat
1º andar - CEP: 41820-710

DIRETORA TÉCNICA RESPONSÁVEL: DRA. RITA LAVÍNIA DE ALMEIDA | DIRETORA TÉCNICA RESPONSÁVEL | OFTALMOLOGISTA - CRM 3553 - RQE 559

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Primo Pobre

- Meu sonho é ganhar R\$ 70 mil por mês igual ao meu pai.
- Seu pai ganha tudo isso?
- Não. É o sonho dele também.

Genival

Em terra de egos, quem vê o outro é rei.

Miga Louca

A alegria está no sono causado pelo comprimido. Ninguém é triste dormindo.

Dora

Tomei um Allegra e continuo triste... até onde vai a mentira da indústria farmacêutica?

Noel

A vida é um eterno revezamento: ou você está acudindo um amigo ou tem um amigo te acudindo.

Só os loucos sabem

Ser imortal deve ser:

- passam 50 anos: seus parentes e amigos morrem
- passam 100 anos: o mundo começa a entrar em colapso
- 1000 anos: você é o único ser vivo em um planeta que arde em chamas
- 5000 anos: uma nova civilização surge
- 10000: você se torna o Raul Seixas

Guto

Eu odeio quando pessoas mais velhas dizem "você é novo demais para estar cansado". Ok, querido! Você é velho demais para estar vivo, mas aqui estamos nós.

Nega Lora

Engraçado a gente pensar a cultura popular brasileira na hora de dar nome pro filho. Na verdade, sempre foi de:

- protagonista de novela
- jogador de futebol
- juntar nome da mãe com o do pai
- homenagear pai/avó/parente
- nome bíblico ou de santo, pra pagar promessa

Nelsão

Todo mundo tem que conviver com o fato irrefutável de que se ficar puto é pior.

Regina Jorge

Existem os inimigos do fim e existem os inimigos do início. Nós, incapazes de chegar na hora. Inimigos do relógio. Odiados pelos pontuais. Podemos começar a nos arrumar 3 horas antes do evento, o atraso é sempre garantido.

Fausto Silva

- Imaginem se todos os pernilongos sumissem. Seria o fim da picada.

Cecília

Odeio quando estou com um problema e aí chega outro problema querendo roubar o protagonismo do primeiro. Querido, espera sua vez de me enlouquecer. Tenha educação.

Flávia Vizinha

Eu e meu ex vivíamos falando que um casal que conhecíamos não ia durar e essa semana eles postaram foto comemorando 7 anos juntos. No fim, quem não durou foi a gente. Isso é pra aprender a parar de dar conta da vida alheia.

Jesus

O "sim" de Exu é um presente, o "não" de Exu são dois.

Toinho

Dúvida sincera: será que os mosquitos enxergam a gente como buffet livre?

Beyoncé de Pernambués

Tudo indica que, se eu quiser um ovo nessa Páscoa, eu mesma vou ter que botar.

Kaka

Ansiosa pra chegar o frio e eu começar a reclamar dele também.

Ribamar

Num velório, alguém perguntou:

- Qual a senha do Wi-fi daqui?
- Respeita o morto!
- Tudo em minúsculas?

Maria

Não sei se existe algum termo que seja o oposto de "higiene do sono", mas eu amo fazer o "chorume do sono". Basicamente uma hora de TikTok com luz acesa e grudado no celular antes de dormir. Zero paz pro cérebro, sou 120% a favor de estímulos.

Lucinda

Preciso confessar uma coisa pra vocês: todo dia eu agradeço por não conseguirem ler minha mente.

Prí

Agora que as chuvas voltaram, lembrem: melhor sair de chinelo do que de tênis. Ninguém merece ter que ficar com meia molhada.

Rodrigo

A coisa chegou em um ponto que o pastor pergunta a um jovem na igreja se ele aceitava Jesus. O jovem disse: ele precisa me adicionar!

Mosquito venenoso

Precisamos falar sobre o preço do peixe para a Semana Santa na feira de São Joaquim!!!

Buçanha

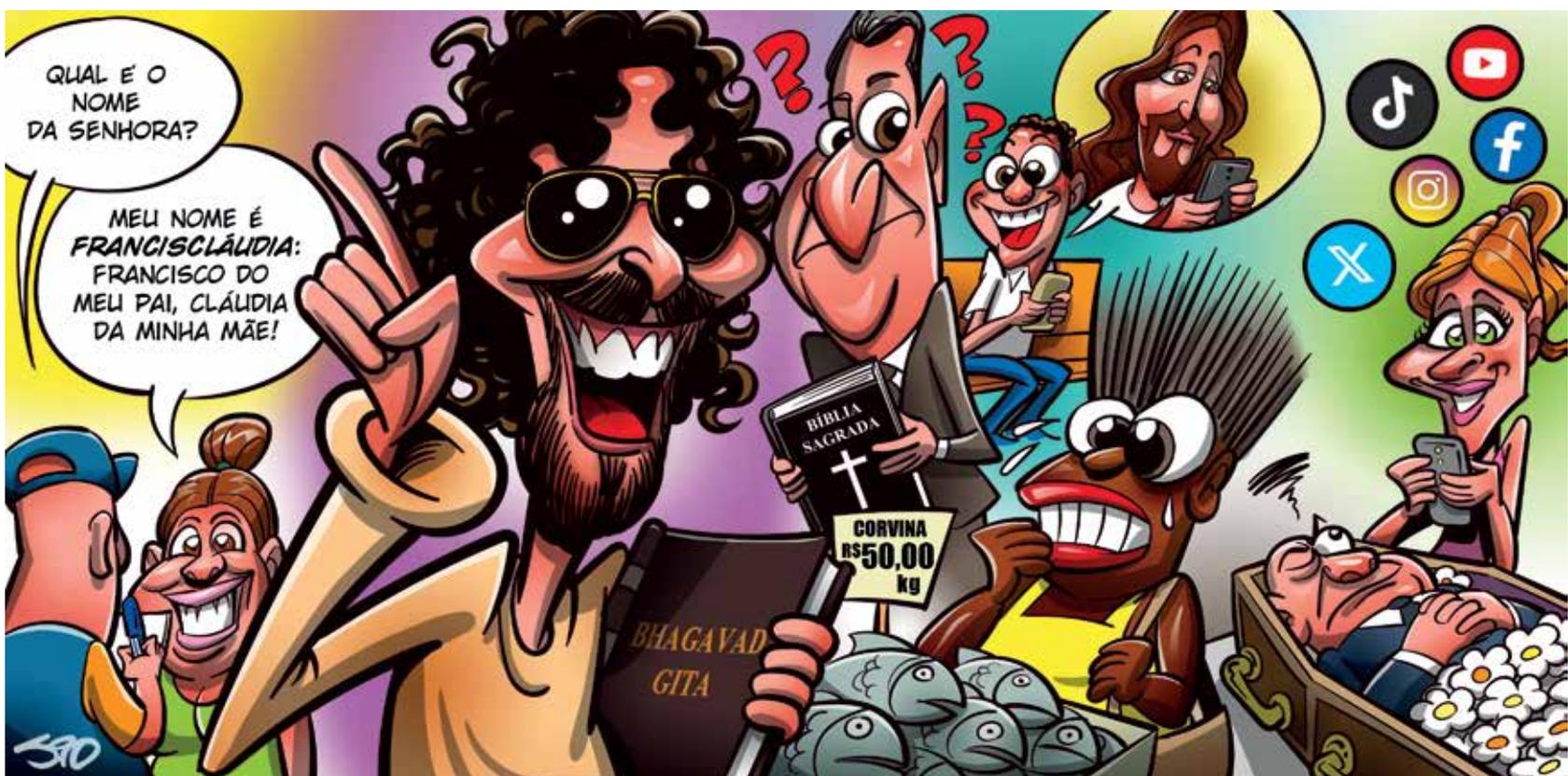
Dicas do que fazer pra não cair em golpes:

- pesquisar o CNPJ das supostas empresas que entram em contato
- os bancos nunca mandam link para você verificar algo sem você estar na agência
- planeje para onde está indo seu dinheiro
- gastar todo o seu salário em 2 dias para não sobrar nada para os golpistas roubarem

Espero ter ajudado.

Menina do trânsito

Hoje eu completaria 1 ano sem beber álcool, se eu tivesse parado há 1 ano.





O RESULTADO DO EDITAL COMIDA NO PRATO ESTÁ NA MESA.

Saiu o resultado do Edital Comida no Prato. Ele vai beneficiar 100 Cozinhas Comunitárias e Solidárias em 14 regiões do estado. Um investimento de R\$ 24,2 milhões que vai garantir aproximadamente 1,5 milhão de refeições distribuídas para pessoas em situação de vulnerabilidade social e alimentar durante 12 meses. É o Programa Bahia Sem Fome fortalecendo a agricultura familiar e promovendo alimentação saudável e de qualidade para quem mais precisa.

